

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA

MÁRCIA BORGES MODEL

**MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS: MARCAS DEIXADAS POR  
PROFESSORES**

Porto Alegre

2010

MÁRCIA BORGES MODEL

**MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS: MARCAS DEIXADAS POR  
PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Dóris Bittencourt Almeida.

Tutora: Márcia Caetano.

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor:** Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

**Pró-reitoria de graduação:** Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade à distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO Av. Paulo Gama, 110  
Campus Centro Prédio 12201 CEP: 90046-900 Porto  
Alegre/RS Fone: (51) 3308-3428 Fax: (51) 3226-7060

## RESUMO

O presente trabalho tem como temas centrais a afetividade e o diálogo crítico. Investiga qual é o perfil de professor que traz marcas positivas às memórias das pessoas, tendo em vista, que, com base nos estudos decorrentes do curso destacando principalmente o estágio, já possui uma idéia acerca do assunto: Que a afetividade e o diálogo crítico e questionador acerca da realidade concreta dos alunos são traços importantes e significativos de professores que são lembrados, de forma positiva, por seus ex-alunos. Com base nesta proposição, a pesquisa de campo visou pesquisar se isto realmente se comprovava. Para levantar o material empírico, foi utilizado como instrumento de pesquisa entrevista oral com 10 pessoas adultas, com idades entre 21 e 40 anos, com o ensino médio completo, moradores dos municípios de Três Cachoeiras e Morrinhos do Sul. Os dados coletados foram registrados em diários de campo sujeitos à análise e reflexão. A partir dos dados empíricos, pude observar com este grupo de entrevistados que a afetividade é uma característica fundamental nas relações entre professores e alunos; a carga afetiva pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem assim como pode dificultá-lo, (como no caso do entrevistado 'G'), dependendo da forma como o professor conduz o seu trabalho. Oito pessoas lembraram, positivamente, de um professor que mais lhes chamou a atenção, ao longo dos estudos. Três entrevistados relataram situações de sala de aula onde o diálogo crítico se fazia muito presente quando estes eram alunos, como sendo aulas que mais se destacaram. No entanto, a afetividade e o diálogo crítico são aspectos que foram mencionados, significativamente, pelos ex-alunos como características de bons professores, onde a aprendizagem realmente se construiu. Estes conceitos são de grande utilidade na construção de conhecimentos duradouros devendo se fazer intensamente presentes nas aulas a fim de criar condições favoráveis ao aprendizado.

**Palavras-chave:** Afetividade. Dialética. Memória.

## ABSTRACT

The present work has as central themes affectivity and critical dialogue. Investigate what is the profile of a teacher who gives positive marks to the memories of people in order that, based on studies mainly due course highlighting the stage, I already have an idea about it: That the affection and critical dialogue and questioning about the reality of the students are important and significant traces of teachers who are remembered in a positive way by his former students. Based on this proposition, the field research aimed to investigate if this really proves it. To raise the empirical data was used as a research tool oral interviews with 10 adults, aged between 21 and 40 years, with complete high school, people from the towns of Three Falls and South Morrinhos Data were recorded in field diaries subject to review and reflection. From the empirical data I have seen with this group of respondents that affection is a fundamental characteristic of relationships between teachers and students, the emotional charge may facilitate the process of teaching and learning and may hinder it, (as in interviewee 'G'), depending on how the teacher conducts its work. Eight people remembered positively, a teacher who called them the most attention over the studies. Three interviewees reported situations where the classroom was very critical dialogue is present when they were students, as classes that stood out. However, affection and dialogue are critical aspects that were mentioned significantly by former students as characteristics of good teachers, where learning is actually built. These concepts are useful in building enduring knowledge should be done in the intensely present lessons in order to create conditions conducive to learning.

**Keywords:** Affectivity. Dialectic. Memory.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	A METODOLOGIA DIALÉTICA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	11
2.1	A necessária mobilização	15
2.2	O conhecimento em construção	18
2.3	Síntese do Conhecimento.	20
3.	CONHECENDO A PESQUISA	22
3.1	Aspectos metodológicos	22
3.2	Características dos entrevistados	23
4	ANALISANDO OS DADOS COLETADOS	25
5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	31
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	35
	APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO	36

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar qual é o perfil de professor que traz marcas positivas às memórias das pessoas, considerando que, os estudos ao longo deste curso e principalmente o estágio, me conduziram a uma idéia acerca do assunto: Que a afetividade e o diálogo crítico e questionador acerca da realidade concreta dos alunos são traços importantes de professores que são lembrados por seus ex-alunos. Tendo em vista esta hipótese, desenvolvi o meu trabalho com ênfase nas questões diálogo crítico e afetividade na perspectiva de averiguar se tal proposição realmente se comprova.

Constatando com este grupo de entrevistados que o diálogo crítico e a afetividade são fatores que trazem lembranças positivas às memórias de ex-alunos, significa que estes conceitos são de grande utilidade na construção de conhecimentos significativos devendo estes se fazer intensamente presentes nas aulas a fim de criar condições favoráveis ao aprendizado.

Inicialmente, eu tinha por finalidade investigar como a metodologia dialética contribui na construção de conhecimentos, mas, com o desenvolver do trabalho tive que despende de maiores reflexões e percebi a necessidade de modificar a pergunta central que estava norteando a minha pesquisa, passando esta, então a ser, “qual o perfil de professor que traz marcas positivas às memórias das pessoas?”.

Para alcançar os objetivos desta investigação, este trabalho apoiou-se em pesquisa bibliográfica e em um estudo exploratório- qualitativo. A pesquisa bibliográfica teve como referencial teórico os estudos de Vygotsky, Celso Vasconcellos, Alexandra Alves de Vasconcelos, Libâneo além das contribuições de outros teóricos que possuem muito a acrescentar na área da interação, da mediação aluno-conhecimento-realidade e da afetividade. O estudo exploratório-qualitativo baseou-se em entrevistas orais dirigidas a adultos e a observação de suas respectivas respostas e comportamento frente às indagações. Celso Vasconcellos é um autor que traz muitos aportes referentes à construção do conhecimento onde os indivíduos aprendem uns com os outros, por meio da interação. Como decidi pesquisar sobre a afetividade e o diálogo crítico, busquei neste teórico grandes contribuições oportunizando a compreensão sobre o trabalho baseado na

metodologia dialética.

Sou uma pessoa que dialogo muito na minha vida pessoal, profissional e de estudante sobre os mais variados assuntos. Acredito na importância deste instrumento como uma forma de mudar pensamentos/concepções. As pessoas que convivem comigo dizem que sou muito argumentativa, de opinião, de realizar questionamentos. Um exemplo em que utilizei o diálogo em minha vida pessoal e que deu certo foi quando eu desmamei meu filho, quando este tinha um ano e seis meses. Ele estava com anemia e não queria alimentar-se com outros alimentos. Depois de várias tentativas, sem sucesso, de fazer com que ele comesse outras comidas e bebidas juntamente com o aleitamento materno, optei por desmamá-lo. Desta forma, ele passaria a se alimentar por meio de outras fontes de alimentação, possibilitando a obtenção de um número maior de vitaminas, minerais e etc.. Numa tarde, sentei meu filho em um banquinho, ao lado de minha casa, fiquei frente a ele olhando atentamente em seus olhos, expliquei o que estava acontecendo, disse que a mãe não ia deixá-lo passar fome nem sede, que eu daria outros alimentos como feijão, arroz, banana, laranja, carne, água, leite (de vaca), entre outros. Conversei com ele cerca de uns trinta minutos. A partir daquele dia, consegui desmamá-lo. Foi conversando, por meio do diálogo, que ele me compreendeu o que eu colocava passando a alimentar-se com vários outros alimentos.

Durante a realização de meu estágio, neste curso de Pedagogia utilizei intuitivamente e com base nos estudos desenvolvidos o diálogo com ênfase no meu trabalho pedagógico. A minha formação contribui muito para pensar que tipo de sujeito (e de sociedade) eu tinha por objetivo construir, como cidadãos conscientes dos acontecimentos que ocorrem no espaço em que se encontram, com atitudes justas, uma sociedade com menos desigualdades sociais e mais humana.

Perante esta concepção, em meu estágio, promovi atividades que levassem em conta os interesses dos alunos, como por exemplo, uma pesquisa com pessoas de mais idade na comunidade identificando as mudanças ocorridas ao longo dos anos. A partir dessa investigação, descobrimos juntos, alunos e professora, que há um grande aumento do uso de agrotóxicos na comunidade. Destaco que a região em que a escola se insere tem sua economia basicamente agrícola, especialmente com o cultivo de arroz e banana. Por meio desta pesquisa, pude trabalhar vários saberes de uma forma integrada como o uso de agrotóxicos, a poluição do solo, das águas e do ar, a importância do cultivo de alimentos orgânicos, entre outros. E

sempre utilizei o diálogo como um importante instrumento a favor da construção do conhecimento.

Lembro-me de uma pergunta que eu fiz à turma quando discutíamos este assunto (agrotóxicos): “Por que que os produtos plantados sem o uso de agrotóxicos, geralmente, são mais caros comparados aos produtos plantados com o uso de agrotóxicos?” Os alunos ficaram todos pensando por alguns instantes, após, um deles, (sua família trabalha com a agricultura ecológica) respondeu que é devido à maior mão-de-obra que este produto ecológico exige para seu cultivo.

Outro momento de minha prática pedagógica que utilizei o diálogo crítico foi quando propus aos alunos uma leitura de imagens. Esta era composta por três figuras, uma de uma menina indígena, a outra de dois meninos afro descendentes e a outra de uma mulher loira. Pedi a eles que me relatassem oralmente o que observavam nas gravuras, dentre estes relatos, uma aluna disse que a mulher loira era mais bonita, perguntei por que e ela, tentando disfarçar também com o uso de gestos, respondeu que é porque ela achava isso. Então, os questionei quanto aos meninos afros descendentes se eles os achavam bonitos e assim seguimos conversando.

Dialogamos sobre as condições de vida que vivem os diversos grupos indígenas, sobre o respeito que devemos possuir com as várias culturas, sobre as escolas que há nas aldeias e que respeitam o modo de viver destes povos, que há índios na universidade, dialogamos também sobre a nossa composição étnica, entre outras questões. Nestas situações, além da presença do diálogo permeava a sala de aula relações de afetividade e respeito entre todos os envolvidos. O modo como os alunos falavam comigo, o tom de voz, o olhar assim como as atitudes de participação seja de forma oral, escrita, por meio de construção de maquete, entre outras atividades, demonstravam a existência de um vínculo afetivo que com o passar dos dias cada vez mais se fortalecia.

O dicionário Cegala (2005, p. 308) define diálogo como: “s.m. conversa entre duas ou mais pessoas; troca de idéias”. Era isso que eu tentava fazer em sala de aula promovendo uma grande interação entre a professora e os alunos, entre os alunos e a professora e entre os próprios alunos. Eu procurava nunca oferecer respostas imediatas frente às perguntas e sim usava da problematização respondendo com uma nova indagação. Meu objetivo era que os alunos pensassem/refletissem sobre o que estávamos trabalhando e as aulas não fossem

apenas apresentação de conteúdos prontos. Buscava problematizar todas as questões que cotidianamente apareciam.

Percebi que estes diálogos questionadores acerca da realidade concreta dos alunos, assim como os laços de afetividade criados entre nós, foram fatores que os motivaram para uma maior participação das aulas, promovendo a construção de conhecimentos significativos. Isto foi um grande incentivo para a escolha do assunto a ser abordado neste trabalho.

Primeiramente, após pesquisa bibliográfica apresento o que os autores colocam sobre a metodologia dialética incluindo a questão da afetividade. Em seguida, apresento os aspectos metodológicos que guiaram minha pesquisa como entrevistas orais com dez pessoas adultas, com idades entre 21 e 40 anos sobre o perfil de professores que trazem marcas positivas às memórias destas na perspectiva de identificar se o diálogo crítico e a afetividade aparecem nos relatos, a seguir, algumas características dos entrevistados. Posteriormente, realizei a análise dos dados coletados e por fim, trago algumas considerações e as referências utilizadas ao longo de meu trabalho.

## 2 A METODOLOGIA DIALÉTICA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O diálogo se encontra presente nas diversas relações, desde os tempos mais antigos até a atualidade. Por meio dele compreendemos os outros e nos fazemos ser compreendidos.

Há muitos anos, Sócrates (469-399 a.C.), filósofo grego e grande educador, já utilizava este instrumento de comunicação como uma forma de educar seus discípulos. Sócrates acreditava que “a verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica”. (Bakhtin, 1981 *apud* MACHADO, 1999, p.146). Ele colocava as pessoas umas diante das outras e as conduzia ao debate. Atento as oposições e contradições, direcionava os debatedores a encarar as questões sobre vários ângulos sem jamais propor um caminho ou os induzir a uma conclusão final.

Portanto, o diálogo, na perspectiva pedagógica, possui sua origem há mais de 2000 anos e hoje, é visto por vários educadores e pesquisadores como uma ferramenta muito importante no processo de construção do conhecimento, por meio dela pode-se expandir os horizontes dos educandos, fazê-los refletir e analisar o meio em que se encontram, as relações de poder envolvidas assim como despertar neles o desejo de realizar ações positivas sobre este espaço.

O psicólogo Lev Vygotsky (1886-1934) apresenta grandes contribuições na área da educação, especialmente quanto à questão da relação homem-ambiente onde a aprendizagem decorre da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. O jornalista Márcio Ferrari (2008), coloca que para este estudioso “[...] a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor – ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem”.

De acordo com esta teoria, a interação ocupa um relevante espaço na construção do conhecimento, e o diálogo, sua ferramenta de excelência, por meio desta, possibilita-se aos envolvidos, a troca de compreensões, de dúvidas, de certezas provisórias, entre outros, colaborando para um processo contínuo de crescimento.

Os conhecimentos construídos ao longo de inúmeras gerações precisam ser apropriados pelas novas a fim de dar continuidade a estes saberes, os sujeitos os aprimoram, usando-os na sociedade visando uma melhor qualidade de vida. Martins (1989) percebe o adulto ou o professor como um ser que interagindo com outros indivíduos de menor idade, no caso, alunos, possui muito a contribuir na formação destes, pois, por meio da interação e especialmente do diálogo, os alunos aprendem com estes indivíduos mais experientes estes saberes acumulados.

O professor deve ter em mente, de forma clara, quais os seus objetivos com a prática pedagógica, que tipo de homem pretende formar, isto implica pensar nos conteúdos que deseja trabalhar assim como as suas formas, como exemplo, aulas onde não somente o professor fala, onde todos colocam suas hipóteses e discutem o assunto em questão.

Quando um professor passa a trabalhar numa perspectiva dialética, há uma qualidade maior em termos de educação e quantidade menor, isto no início deste trabalho, pois o educador dedica mais tempo para o diálogo crítico, em que é aberto espaço para que todos falem e, enquanto um fala, é preciso que os outros escutem, o professor possui também a função de relacionar estas discussões com questões do cotidiano dos alunos. São necessárias análises e reflexões, no entanto um desprendimento de maior tempo. Com o desenvolvimento deste trabalho e com a prática significativa e mais participativa dos alunos, estes se sentem embasados e a qualidade aumenta gradualmente, aonde os próprios educandos vão em busca de aprendizagens resultando em uma educação qualitativa.

Para Vasconcellos:

Há que se considerar o dinamismo da aprendizagem humana, onde há uma transferência da qualidade para a quantidade (e vice-versa), ou seja, o ritmo inicial pode ser mais lento em função de uma prática mais participativa e significativa, mas, depois esta base permite um deslanchar mais rápido nos conteúdos seguintes. (2005, p. 133)

O trabalho educacional que tem por base os fundamentos da metodologia dialética é muito mais útil para todos os envolvidos, pois proporciona construções significativas, o aluno desenvolve sua criticidade, analisa as situações que acontecem ao seu redor assim como empenha esforços na construção de uma sociedade mais democrática. Esta metodologia compreende professor e aluno como sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento onde o educador exerce

a função de mediador da relação aluno- conhecimento-realidade.

Segundo Vasconcellos (2005), é muito comum os professores se esquecerem da necessária mediação com este último item, mencionado acima, não relacionando/problematizando os “conteúdos” trabalhados em sala de aula com o espaço em que os alunos se encontram, ficando estes desconexos, sem a necessária articulação com a vida do educando, com os acontecimentos sociais. Conforme este autor:

Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se numa concepção de homem e de conhecimento onde se entende o homem como um ser ativo e de relações. Assim compreende-se que o conhecimento não é “transferido” ou “depositado” pelo outro (conforme a concepção tradicional), nem é “inventado” pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas sim construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. Isto significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, reelaborado, pelo aluno, para se construir em conhecimento dele. (2005, p. 55):

Para que os alunos compreendam os saberes que estão sendo estudados, estes não devem ser trabalhados de uma forma isolada e sim dentro de relações. O professor deve articular o que está sendo estudado com aquilo que está acontecendo na escola, entre os alunos, no município destes educandos, refletindo sobre estes acontecimentos, analisando quais as suas implicações na vida individual e coletiva. Proporcionar, sempre que possível, visitas a locais que são objeto de estudo, isto aproxima o trabalho educativo da realidade dos discentes. Portanto, é necessário que o educando compreenda o “todo”, consiga visualizar a organização desta sociedade, os interesses envolvidos, para que consiga exercer ações positivas sobre o espaço no qual se encontram, caso contrário, a educação não acontece, o que o aluno “aprende” na escola não fará relações com os acontecimentos da vida, não os aplicará na sua prática diária.

Konder nos ajuda a pensar sobre este assunto:

Qualquer objeto que o homem possa perceber ou criar é parte de um todo. Em cada ação compreendida, o ser humano se defronta, inevitavelmente, com problemas interligados. Por isso, para encaminhar uma solução para os problemas, o ser humano precisa ter uma certa visão de conjunto deles: é a partir da visão de conjunto que a gente pode avaliar a dimensão de cada elemento do quadro. Foi o que Hegel sublinhou quando escreveu: ‘A verdade é o todo’. Se não enxergarmos o todo, podemos atribuir um valor exagerado e uma verdade limitada (transformando-a em mentira), prejudicando a nossa compreensão de uma verdade mais geral. (1981, p. 37):

Trabalhando de acordo com a metodologia dialética, o educador tem a possibilidade de desenvolver um trabalho em que o aluno compreenda o “todo”, que possua relações, onde o principal objetivo do professor é fazer com que os alunos se debrucem sobre a realidade, analisando-a, discutindo-a. Fazendo questionamentos, o educador lança mão da cultura acumulada pela humanidade (conteúdos escolares); diante dos desafios da realidade, coloca o aluno em contato com este saber, na perspectiva de levá-los a uma compreensão crítica da realidade. Nas palavras de Vasconcelos “... ser crítico significa buscar as verdadeiras causas das coisas, superando a aparência dos processos, sejam naturais ou sociais”. (2005, p. 92).

Geralmente, os professores frente às indagações dos educandos, querendo “ganhar tempo” costumam dar respostas prontas, pois os alunos precisam saber disto mesmo, então já dão logo “o resultado, a síntese, a conclusão, a modelo, a fórmula, o algoritmo final” (VASCONCELLOS, 2005, p. 30). Não costumam questionar o aluno, desafiá-lo, problematizá-lo, transpor aquilo que está sendo motivo de discussão para a realidade deste aluno, fazendo “ganchos” com os conhecimentos prévios destes seres.

Sabemos que, para que haja a construção de um novo conhecimento, é preciso que o aluno estabeleça relações com seus conhecimentos prévios, “não se cria a partir do nada, ninguém conhece algo totalmente novo (cf. Piaget, *apud* VASCONCELLOS, 2005, p.50). O aluno, como ser ativo, analisando o seu espaço com base nos conhecimentos já construídos vai ampliando os seus saberes. Se isto lhe for possibilitado, o educando percorrerá um processo de crescimento que ocorre continuamente, ao longo de sua vida.

Para Vasconcellos (1995, p. 57), “Conhecer é estabelecer relações” quanto maiores e totalizantes forem estas relações, mais o sujeito conhece o seu objeto de estudo, por isso a importância da articulação dos conhecimentos escolares com a realidade concreta dos educandos, sendo o diálogo crítico uma importantíssima ferramenta neste trabalho.

De acordo com este mesmo autor (2005), a teoria dialética do conhecimento nos aponta que o conhecimento se dá em três grandes momentos: a síncrese, a análise e a síntese. A síncrese compreende os conhecimentos que o aluno possui, do senso comum, visão fragmentada, parcial que com a mediação do professor

propicia a análise do objeto de estudo, chegando a um patamar de conhecimento mais elaborado, com múltiplas relações (síntese).

Para Libâneo:

“A síncrese corresponde à visão global indeterminada, confusa, fragmentada da realidade; a análise consiste no desdobramento da realidade em seus elementos, a parte como parte do todo; a síntese é o resultado da integração de todos os conhecimentos parciais num todo orgânico e lógico, resultando em novas formas de ação.” (1985, p.58)

Conforme Vasconcellos (2005), a metodologia dialética de construção do conhecimento em sala de aula pode ser expressa através de três grandes eixos ou preocupações que o professor deve possuir, sendo eles, a mobilização para o conhecimento, a construção do conhecimento e a elaboração e expressão da síntese do conhecimento. Nesta perspectiva, para que ocorra a construção significativa da aprendizagem, primeiramente o professor deve mobilizar o aluno, despertar seu interesse, seu desejo em aprender, posteriormente precisa possibilitar o confronto entre sujeito e objeto a ser conhecido, possibilitando a apreensão de suas relações internas e externas, por meio de sua ação. Cabe também ao educador ajudar o aluno na elaboração e expressão da síntese do conhecimento, que é a apropriação de uma visão geral daquele objeto de estudo entrelaçado a múltiplas relações. Para alcançar tais objetivos, o diálogo questionador deve estar presente em todos os momentos.

Vasconcellos (1995) afirma que deve haver um paralelo entre as três dimensões da metodologia dialética de conhecimento em sala de aula, assim como entre os três grandes momentos do método dialético de conhecimento (síncrese, análise e a síntese). Deve-se também observar que há uma mútua participação entre eles, seja em cada conjunto ou entre os conjuntos.

Para que ocorra esta desejada construção significativa do conhecimento em sala de aula, é necessário que este método seja pensado e aplicado em um tempo maior, em um conjunto de aulas, a totalidade de um curso; além disso, devem estar sempre presentes as três grandes dimensões ou eixos.

Vamos analisar mais detalhadamente cada uma das três dimensões ou eixos.

## 2.1 A necessária mobilização

De acordo com esta metodologia, a mobilização para o conhecimento é um fator muito importante, pois aproxima o educando do seu objeto de estudo.

De acordo com Libâneo:

...situação orientadora inicial: é a criação de uma situação motivadora, aguçamento da curiosidade, colocação clara do assunto, ligação com o conhecimento e a experiência que o aluno traz, proposição de um roteiro de trabalho, formulação de perguntas investigadoras.”(1985, p. 145):

Para Vasconcellos (2005), esta mobilização tem a ver com as necessidades dos alunos, seus interesses, a afetividade, desejos, ideologias, com o assunto a ser tratado, forma como é trabalhado, relações interpessoais, entre outros.

Este mesmo autor (2005, p. 60) afirma que “é preciso uma ‘temperatura afetiva’, uma espécie de ‘catalisador do processo de construção do conhecimento’. O sujeito só aprende dentro de um vínculo afetivo”. No entanto, é necessário aquecer a relação para que possam ocorrer maiores interações. O aluno, estando em um ambiente onde há relações de afetividade, vai dispor de energias físicas e psíquicas para o ato de conhecer.

Vasconcellos (2005) coloca que a carga afetiva tanto pode auxiliar no processo de construção do conhecimento como inibi-lo, dependendo de como é trabalhada. As situações concretas de existência, os dramas que os alunos vivem, os seus problemas dificultam a aprendizagem caso não sejam levados em conta. Por outro lado, cargas excessivas de afetividade poderão causar distúrbios devido à alta ansiedade chegando a provocar mecanismos de defesa como esquecimento ou até traumas psicológicos relacionados às situações de aprendizagem.

Vasconcelos *et al.* (2005, p. 03) aponta “ a afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida.” No entanto, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual.

Cabe ao professor propiciar um ambiente interativo, de respeito, onde os alunos possam fazer as suas colocações, suas perguntas, escutar o outro. É muito comum, alguns alunos acharem que devem escutar somente o educador, pois acreditam que é somente ele que, na escola, deve “ensinar”. Todos aprendem com todos, tanto os alunos entre si como entre eles e o docente contribuem no processo de aprendizagem.

No entanto, o professor possui intenções, deve saber os meios a serem utilizados assim como os fins que deseja chegar. Conforme Snyders (1974),

sabemos que para ensinar latim a João é indispensável o professor conhecer o latim e o João. Além disso, é preciso que o educador saiba por que é que João precisa aprender latim e o que esta aprendizagem o ajudará a situar-se no mundo de hoje- numa palavra, quais são os fins visados pela educação.

É necessário que o docente conheça a realidade concreta do aluno (múltiplas determinações para além da aparência), são fatores que muitas vezes não estão visivelmente claros, mas que podem ser encontrados, na medida em que somos seres sociais, e há aspectos muito semelhantes marcados pela classe social, pela influência dos meios de comunicação, pelos objetos colocados no consumo, entre outros. Isto facilitará para o professor conhecer a realidade concreta do grupo e suas redes de relações, necessidades, para que possa estabelecer a mobilização.

Nas palavras de Libâneo (1990, p. 399):

“O ato de conhecimento, a par de ser um ato psicológico, é primordialmente, um ato histórico e social. A atividade cognoscitiva é uma atividade de sujeitos concretos socialmente constituídos na e pela atividade prática, e não uma pura atividade espiritual. O ser que conhece nasce, vive e se desenvolve em condições histórico-sociais específicas, determinantes de suas características individuais.”

Todos nós somos seres sociais, que vivemos numa sociedade que está em constante movimento, onde uns aprendem com os outros, há uma grande necessidade de não desvincular os conteúdos escolares desta realidade, pois desta forma, torna-se mais fácil a compreensão por parte do aluno, já que o objetivo é compreender a realidade.

Para Vasconcellos, (2005), além disso, é preciso que o educador considere a fase de desenvolvimento em que o aluno se encontra (e as respectivas operações mentais). Os conteúdos devem ser trabalhados no momento certo, de forma adequada, caso contrário, o educando não terá condições internas de construir o conhecimento, tendo em vista que o professor é o facilitador de tal construção, mas, quem constrói é o aluno, ele é um ser ativo.

Para o autor, a mediação da realidade a ser conhecida pode ser objetiva, ilustrada, verbal e simbólica, como exemplos, o livro didático, uma foto, um filme, a exposição do professor, um documento, uma gravação, um vídeo...

As mediações que trazem o objeto para o aluno podem ser diversas, mas a presença de um diálogo intenso sobre o que se está trabalhado é fundamental. O

professor deve questionar o aluno, fazê-lo refletir, dar tempo para que este pense sobre o objeto de estudo.

O docente não deve responder as perguntas que surgem sem antes, devolvê-las para a turma, pois desta forma, estará oportunizando a todos os educandos a reflexão. Muitas indagações, os próprios alunos podem responder, para isto basta que pensem um pouco sobre o que estão trabalhando, que reflitam. Trabalhando nesta perspectiva de metodologia, há uma grande participação dos alunos, cria-se uma rede de mobilização, onde a polarização não fica centrada somente no professor.

## 2.2 O conhecimento em construção

Na metodologia dialética, conforme Vasconcellos (2005), o professor ao invés de dar o raciocínio pronto, de fazer para/pelo aluno, deve ser um mediador da relação educando-objeto de conhecimento-realidade, ajudando o aluno a construir a reflexão, pela organização das atividades, pela interação e problematização. Desta forma, os conceitos não devem ser dados prontos e sim construídos pelos alunos, propiciando a caminhada destes para a autonomia.

Para que aconteça o processo de aprendizagem é necessário mobilização e ação do sujeito sobre o objeto seguindo, posteriormente, para a construção da síntese.

Cabe ao professor estabelecer a contradição em relação às representações mentais que o aluno traz assim como propiciar situações (tempo, recursos, estímulos) para que este educando consiga superar seu desequilíbrio, construindo um conhecimento mais elaborado.

Vasconcellos (2005, p. 87) aponta o que coloca Lenin (1963):

“A contradição é o ‘motor’ do conhecimento; ao se estabelecer a contradição entre a representação que o sujeito tem e outra possível (seja do professor, do livro, do colega, etc.), ele tem-se grande probabilidade de se provocar nele a necessidade de superação, abrindo-se o campo para a interação e o estabelecimento de novas relações.”

Esta contradição que se estabelece entre o que o aluno já sabe e o “novo saber” é o que motiva o educando na construção do conhecimento. É necessário provocar um conflito/desestabilização interior de concepções para que suscite a

necessidade de buscar um novo equilíbrio/consolidação, uma nova forma de existência.

Vasconcellos (2005) afirma que esta contradição pode ser provocada não só verbalmente, mas, por meio de experimentações, de pesquisas, de trabalhos em grupos, de dramatizações, etc. Algo necessário no momento de estabelecer esta contradição é manter o respeito, pois o ambiente escolar tem por objetivo o crescimento de todos os sujeitos envolvidos e não a discriminação, o isolamento.

Trabalhando nesta metodologia, o professor deve partir daquilo que o aluno já sabe (sincrético) e aos poucos, por meio de sua mediação, o conhecimento vai se ampliando, negando, superando se construindo em algo mais abrangente e de relações (sintético).

O diálogo intenso deve estar presente em todas as aulas, o questionamento do professor sobre as dúvidas dos alunos, o lançamento de novas indagações aos educandos, não dar as respostas prontas, fazê-los pensar, relacionar estes assuntos com a realidade concreta do discente, aquilo que é comum ao grupo, mas também respeitando as individualidades de cada um.

O professor não é o dono do saber, assim como não é o aluno, mas estes, dialogando podem e devem chegar a um consenso, a um patamar de conhecimento mais elevado, tendo em vista que o professor é um indivíduo que possui intenções em sua prática pedagógica e é portador de uma bagagem de conhecimentos científicos, históricos, culturais...

Neste processo de aprendizagem, é fundamental que o aluno chegue à síntese, Vasconcellos (2005, p. 94) afirma que o “procedimento analítico... visa apreender a matéria em seu vir a ser e em sua constituição íntima, bem como seus vínculos com a totalidade.” Esta metodologia é muito importante porque o aluno apreende as relações de constituição, o movimento do conceito (sua gênese e desenvolvimento, suas múltiplas relações).

No cotidiano de sala de aula, é possível propor vários tipos de atividades que tenham coerência com este princípio metodológico como coloca Vasconcellos (2005, p. 105) “... problematização, exposição dialogada, trabalho de grupo, pesquisa, seminário, experimentação, debate, jogos educativos, dramatização, produção coletiva, estudo do meio, etc..”

A parte mais significativa desta metodologia é a nova forma de participação dos alunos, onde estes participam ativamente, seja dialogando, pesquisando,

experimentando, exercendo atividades internas/mentais na busca da construção do conhecimento.

### 2.3 Síntese do Conhecimento

Segundo Libâneo (1985, p. 146), “integração: é o momento da síntese, da conclusão, generalização, consolidação de conceitos”. É neste momento (síntese) que o processo de educação visa chegar, sendo que, no defrontamento com uma nova situação, haverá uma nova desestabilização dos conhecimentos até então construídos e também a procura de uma nova consolidação e de uma nova síntese e assim sucessivamente.

É importante que o professor propicie ao aluno situações onde este possa expressar seja de forma oral ou escrita a sua síntese, pois, enquanto esta está no plano mental pode incorrer certo grau de generalidade, abstração. Se for solicitado para que o aluno expresse de outra forma a sua compreensão sobre o objeto de estudo este o terá que seguir uma formatação, uma concretização, uma sintetização conclusiva, específica.

Destaco, novamente, a necessidade de um alto grau de interação entre os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem para a construção de uma educação significativa visando à transformação do educando de forma que ele interfira, positivamente, neste espaço que ocupa.

A presença do diálogo crítico não se restringe somente a concepção de Vygotsky, Paulo Freire também, com a concepção Freireana aponta o diálogo como conceito-chave e prática essencial para a construção de conhecimentos sólidos.

Este autor coloca (1996):

“para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber”.

No entanto, professor e alunos possuem conhecimentos adquiridos ao longo de suas existências, uns com os outros e estes devem ser respeitados no ato pedagógico.

O diálogo, em uma perspectiva construtivista, permeia várias concepções, este tem se mostrado um caminho bastante seguro para a construção de uma sociedade democrática, justa e mais humana.

Conforme Vasconcelos *et. al.* (2005) as relações de afetividade são a base de todas as reações dos seres humanos. No entanto, no ambiente escolar deve haver um cuidado paralelo com a educação afetiva e a intelectual para que, esta primeira, se torne um facilitador da construção do conhecimento. Vasconcelos (2005) coloca sobre a importância da metodologia dialética, onde o diálogo crítico e questionador se constitui como um fator positivo na construção do conhecimento.

### 3 CONHECENDO A PESQUISA

Neste capítulo, primeiramente, apresento os aspectos metodológicos que guiaram a minha pesquisa e depois, algumas características dos entrevistados.

#### 3.1 Aspectos metodológicos

A pesquisa aqui apresentada é de cunho qualitativo e consistiu em investigar qual é o perfil de professor que traz marcas positivas às memórias das pessoas, na perspectiva de averiguar se o diálogo crítico e a afetividade são mencionados pelos entrevistados, confirmando -ou não- a minha hipótese.

Para alcançar tais objetivos, foram utilizadas como instrumento de pesquisa entrevistas orais com 10 pessoas adultas, com idades entre 21 e 40 anos, estas moradoras pertencentes aos municípios de Morrinhos do Sul e Três Cachoeiras.

As entrevistas foram guiadas por um questionário de perguntas, (APÊNDICE A), que oportunizaram aos entrevistados falarem sobre suas vidas escolares enquanto eram alunos, no entanto, apesar de possuir estas questões norteadoras, tomei a liberdade de fazer outras perguntas que surgiram daquelas primeiras quando percebi que o entrevistado possuía maiores contribuições acerca dos temas afetividade e diálogo, na perspectiva de coletar maiores informações. Além disso, dediquei grande atenção a tudo que estas pessoas colocaram assim como às suas atitudes frente às indagações, registrando-as no diário de campo.

Como já mencionei anteriormente, utilizei como técnica de registro de dados, o diário de campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 50): “As notas de campo são: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. O conteúdo das notas de campo são descritivos e reflexivos. Obtive o diário de campo como um instrumento onde pude registrar tudo o que foi falado pelo entrevistado assim como as minhas percepções sobre as ações destes indivíduos, para que, no momento de fazer a análise de dados possuísse além de minhas lembranças, algo concreto facilitando tal trabalho.

Os dados coletados foram sujeitos à análise e reflexão, situações em que procurei identificar as características relatadas pelos entrevistados sobre seus professores e aulas agrupando-as por semelhanças.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa assinaram um termo de autorização (APÊNDICE B) permitindo o uso e divulgação dos dados coletados. Por uma questão de ética, as pessoas entrevistadas não tiveram seus nomes divulgados sendo usada a primeira letra do nome, ou a primeira e última letra do nome, para pessoas que tem nomes que iniciam com a mesma letra.

### 3.2 Características dos entrevistados

Decidi realizar entrevistas orais com um grupo de pessoas, de forma individual, com o objetivo de pesquisar qual o perfil de professor que traz marcas positivas às memórias das pessoas. Optei por entrevistar pessoas que possuíssem um mesmo nível de escolaridade assim como seres que estivessem dentro de uma mesma faixa etária para não analisar situações muito diferentes.

Com base em observação sobre os moradores dos municípios de Morrinhos do Sul e Três cachoeiras, grande parte dos estudantes concluiu o ensino médio e em seguida, continuou seus estudos no ensino superior. São poucos os alunos que estão dentro de uma faixa etária de 17 a 20 anos que encerraram seus estudos, por este motivo decidi pesquisar pessoas adultas, pois é um grupo ao qual possuo maior acesso facilitando, para mim, a realização da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com 10 pessoas adultas, com o ensino médio completo efetivado em escolas públicas, com idades entre 21 e 40 anos, sendo 8 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Destes 10 entrevistados, 5 em algum momento de suas vidas escolares passaram pela Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os outros cinco sempre estudaram na rede regular de ensino. Todos possuem condições financeiras razoáveis.

Pesquisei pessoas que atendessem aos critérios de idade e escolaridade acima colocados pertencentes aos municípios de Morrinhos do Sul e Três Cachoeiras. Três entrevistados foram indicados por pessoas que responderam a minha pesquisa. O fato de serem 8 pessoas do sexo feminino e duas do masculino não foi intencional.

Frente à pesquisa, os entrevistados relataram fatos mais recentes sobre o período em que eram estudantes. Os que haviam deixado a escola há pouco tempo relataram situações bem detalhadas, favorecendo para mim uma maior quantidade e qualidade de aspectos a serem colhidos e analisados.

Para a realização das entrevistas, dirigi-me a casa dos indivíduos, pois, no ambiente familiar há maior tranquilidade para a concretização das mesmas, como

afirma Zago (2003), as pessoas se sentem mais a vontade para falar de suas vidas escolares assim como se lembrar de fatos minuciosos que podem ser muito importantes numa pesquisa como esta, qualitativa.

Após o término da pesquisa, dois entrevistados me colocaram situações que aconteceram em sala de aula. Percebi a grande importância daqueles relatos e os anotei. Estas pessoas ficaram surpresas porque acharam que aquilo não iria me interessar.

No próximo capítulo, apresento os dados coletados, desenvolvendo a análise e reflexão acerca dos mesmos.

## 4 ANALISANDO OS DADOS COLETADOS

Partindo dos registros feitos no diário de campo, destaco aspectos e situações que considero relevantes sobre a minha pesquisa.

Frente à primeira pergunta “você considera importante para a sua vida pessoal, o que aprendestes ao longo de teus estudos?” 3 entrevistados responderam que sim, 2 muito importante e 5 com certeza. Esta resposta “com certeza” demonstra o quanto as aprendizagens escolares contribuem para o desenvolvimento destes cidadãos em sociedade.

Chamou-me muito a atenção a entonação de voz que a entrevistada “L” usa quando responde a esta questão. De acordo com as minhas observações o “com certeza” para ela é muitíssimo importante, tanto que ela buscou continuidade aos seus estudos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) depois de casada e com duas filhas.

De acordo com a segunda pergunta “ao longo de teus estudos, há algum professor que mais lhe chamou a atenção? Por quê? Como eram as aulas deste professor?” 8 pessoas lembraram e falaram positivamente de um ou mais professores assim como de situações/aspectos das aulas destes respectivos docentes. A entrevistada “W” não se lembrou de algum professor que lhe fosse significativo alegando que já faz muito tempo que parou de estudar. O entrevistado “G” lembrou de um professor de forma negativa. Ele disse que este educador tinha um comportamento diferente dos outros, que ele era autoritário e possuía conclusões precipitadas.

Dentre 10 entrevistados, 8 lembrarem positivamente sobre seus professores e suas respectivas aulas significa que estas lembranças possuem relações com o conhecimento e com a afetividade como afirma Vasconcellos (2005, p. 60) “o sujeito só aprende dentro de um vínculo afetivo”. Todos os entrevistados tiveram vários professores ao longo de suas vidas escolares e o fato de escolherem um professor ou dois que mais lhes chamaram a atenção, com certeza, estes foram educadores que souberam trabalhar de uma forma que estes alunos aprendessem conhecimentos significativos onde as aulas foram permeadas por relações de afetividade. “M” relata: “Era um professor carismático com os alunos, sempre alegre, sempre brincando com a turma”.

O aluno “G” que se lembrou de um professor, de forma negativa, demonstra que

não havia boas relações afetivas entre eles dificultando a aprendizagem. Este aluno colocou a seguinte situação que presenciou:

“Um aluno foi ao banheiro e retornou à sala de aula, em seguida, um outro aluno pediu para ir ao banheiro. Este professor achou que era o mesmo aluno que pedia pela segunda vez para ir a este mesmo local. Neste dia, ele não deixou este aluno sair. Em algumas vezes ele não acreditava no que os alunos falavam.”

Este professor possuía uma conduta autoritária perante a turma, não abrindo espaço para o diálogo. Nesta situação relatada, o professor poderia perguntar aos outros alunos quem foi o educando que havia se retirado da aula pela primeira vez, compreender o que estava acontecendo e não simplesmente, impor ordens.

A entrevistada “E” coloca que aprendia muito interagindo com os outros colegas até mesmo no trajeto de casa para a escola. Em suas palavras: “Eu conversando com os colegas, no ônibus, indo para a escola, discutíamos o conteúdo, aprendíamos juntos. Eu explicava o que eu sabia e perguntava o que não sabia. A gente aprendia junto, um ensinava o outro.”

Conforme vimos, Vygotsky (1986-1934) traz a questão da interação como algo necessário para a construção do conhecimento, onde os indivíduos aprendem uns com os outros, sendo sua ferramenta por excelência, o diálogo.

Nove entrevistados disseram que, nas aulas em geral, possuíam espaço para dialogarem, colocarem suas opiniões, tirarem suas dúvidas. A entrevistada “W” relata que na época em que ela estudava não havia tanta abertura para o diálogo como hoje.

Das 9 pessoas que afirmaram a presença do diálogo constante em aula, entre professor x aluno x aluno, “G” afirmou muito pouco diálogo nas aulas deste professor que mais lhe chamou a atenção ao longo dos estudos. Este aluno disse que se sentiu prejudicado em função do modo como este professor conduzia suas aulas.

“S” e “W” relataram ser indivíduos tímidos. “W” além de afirmar que na época em que ela estudava não havia tanto espaço para o diálogo como hoje na maioria das escolas, ela era tímida, dificultando que ela expressasse seus pensamentos e perguntasse acerca de suas dúvidas. “S” diz também se sentir muito prejudicado ao longo de sua vida como estudante devido à timidez, coloca que muitas vezes não se sentia a vontade para perguntar ficando com dúvidas sobre o que estava sendo trabalhado. Ele me relatou um exemplo onde a timidez o prejudicou.

Ele disse que na realização de atividades em duplas ou grupos, os colegas se aproximavam dele para obter vantagens, pois ele possuía facilidade de compreensão dos assuntos abordados, mas, no momento de apresentar os trabalhos ele era o que menos falava e o que tirava notas menores.

Ao realizar as entrevistas com “S” e “W” pude perceber a timidez de ambos, pois falaram pouco e de forma sucinta apesar de eu demonstrar calma e segurança sobre a realização da pesquisa.

Quatro pessoas afirmaram a necessidade de boas explicações por parte dos professores como sendo uma das características de um docente que mais lhes chamaram a atenção ao longo de seus estudos. “T” colocou: “Ela conversava bastante, não se prendendo somente naquilo que estava sendo discutido, relacionava com a realidade que estamos vivendo”.

Vasconcellos (2005) traz a metodologia dialética como uma forma de trabalho onde o diálogo crítico e questionador se faz presente. De acordo com esta metodologia há necessidade do professor realizar a mediação aluno-conhecimento-realidade. Estas explicações devem trazer questões do cotidiano dos alunos para que se estabeleça a compreensão por parte dos educandos.

A entrevistada “Ei” relatou vários aspectos de um bom professor como: “... por ser despachada, rápida, comunicativa, postura disciplinada, ela fazia com que a gente prestasse atenção, ela usava exemplos do dia-a-dia.” Neste caso, além da comunicação outras questões foram mencionadas como características de um professor que mais lhe chamou a atenção. Ser “despachada”, “rápida” implica objetivos claros por parte do professor como Vasconcellos (2005) aponta.

Três entrevistados lembraram de professores que usavam o diálogo intensamente em sala de aula relacionando também o assunto abordado com a realidade concreta dos educandos. “L” relata:

“Ele prestava atenção em tudo. Ele fazia a gente trabalhar, pensar. Ele fazia uma pergunta, mas e tal e como é que se dá... Ele ia questionando, fazendo perguntas, de modo que os alunos pensassem sobre o que estava sendo trabalhado até que se chegasse a uma resposta. Ele não dava as respostas, ele questionava, ele ia perguntando. Um dia, ele fez uma pergunta sobre um texto que estava sendo trabalhado e ninguém conseguiu dar uma resposta satisfatória para ele. No dia seguinte ele apareceu na aula com uma pedra, um ovo e um galho verde e começou a nos questionar sobre o que ele queria fazendo com que nós compreendêssemos a razão daquele texto.”

Este professor possui atitudes que se enquadram dentro da metodologia dialética onde ele usava do diálogo crítico, questionante como uma forma de fazer com que os alunos pensassem/refletissem sobre o assunto abordado, não dando respostas imediatas, trazendo objetos do cotidiano dos alunos como “pedra, ovo e um galho verde” para relacionar com aquilo que ele estava trabalhando proporcionando ao educando a compreensão. Trazer objetos além de despertar o interesse dos educandos aproxima “conteúdos” do espaço em que estes se encontram.

Este professor faz o que traz Vasconcellos (2005, p. 76), “o papel do educador desta forma não seria apenas de ficar passando informações, mas de provocar no outro a abertura para a aprendizagem e de colocar meios que possibilitem e direcionem esta aprendizagem”. Como já foi mencionado neste trabalho, Vasconcellos (2005) deve haver um confronto entre aquilo que o aluno já sabe com o novo conhecimento, de forma que haja uma desestabilização daquilo que o aluno já domina desencadeando a necessidade de superação, de um novo equilíbrio, da construção de um novo conhecimento.

Outro exemplo de professor que mais lhe chamou atenção foi o que relatou “N”:

“Me lembro de uma professora de matemática. Ela era calma e bem novinha. Ela trabalhou com a gente porcentagem. Eu não compreendia bem porcentagem mas, depois daquelas aulas com esta professora passei a compreender porcentagem muito bem. Numa aula ela começou a nos explicar que 100% é o valor total, que 50 % é a metade deste valor, que 25% é a quarta parte, então ela perguntava e quanto que é 75 %? Por exemplo, de 200, era a metade mais a quarta parte. Então ela perguntava a gente de novo, e para saber quanto custa 1% de 200? É preciso dividir 200 que era o total por 100 e se vai saber quanto que é 1%. Então ela perguntava de novo, e se eu quiser saber quanto custa 18%, como é que eu faço? E ela deixava a gente pensando. Aí ela dizia, é só achar quanto custa 1 e multiplicar por 18. Aí a gente encontra quanto custa 18%.”

Esta professora trabalhou matemática com alunos (porcentagem) dialogando e relacionando com valores reais, no caso, 200. Ao mesmo tempo em que explicava o conteúdo, lançava questionamentos fazendo com que os educandos estabelecessem relações como “75% de 200 é a metade mais uma quarta parte

deste valor”.

Vasconcellos (2005, p. 57), afirma que “conhecer é estabelecer relações”. Nesta situação, a professora conduziu os alunos a pensarem juntamente com ela quanto custava a metade de um valor (50%), a quarta parte (25%), associando estas divisões a porcentagem fazendo com que os alunos compreendessem o proposto, chegassem a síntese, como coloca Libâneo (1985, p.58), “a síntese é o resultado da integração de todos os conhecimentos parciais num todo orgânico e lógico.”

Trago o que falou “V”:

“Eu tinha uma professora que era muito boa, ela dava aula de português, ela costumava muito colocar a gente em círculo e nos perguntar sobre o que tava sendo trabalhado. Ela escutava os alunos, todos faziam silêncio, os alunos falavam o que pensavam, ela direcionava a conversa fazendo com que a gente pensasse sobre aquilo que tava sendo falado, não ficando somente ali no texto.”

Esta professora proporcionava espaço para o diálogo, para que os educandos colocassem suas opiniões criando um ambiente de interação e respeito. Além disso, ela não ficava “presa” somente ao texto, ela expandia sua discussão até a realidade concreta dos educandos.

Martins (1989, p. 116) coloca que “as interações sociais na perspectiva sócio-histórica permitem pensar em um ser humano em constante construção e transformação que, mediante as interações sociais, conquista e confere novos significados e olhares para a vida em sociedade.” Esta educadora possibilitava troca de compreensões, mudanças de concepções, tendo em vista, que o docente é um ser mais experiente e que possui uma bagagem de conhecimentos científicos, culturais, históricos entre outros, podendo acrescentar muito à formação destes educandos assim como aprender também com eles.

No entanto, com a realização das entrevistas, este grupo relatou várias questões como sendo referência de um bom professor, dentre elas, a afetividade, a necessidade de boas explicações, o relacionamento do conteúdo com a realidade, a valorização das colocações dos alunos, as trocas de idéias, o diálogo crítico, o uso de questionamentos, de reflexões, entre outros.

A afetividade se mostrou uma característica fundamental nas relações entre professores e alunos, algo que realmente pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem assim como de dificultá-lo, como no caso do entrevistado “G”. O

diálogo crítico foi mencionado, de forma clara, por três entrevistados como uma particularidade de um bom professor, aonde este conduz os alunos a pensarem/analisarem questões do cotidiano.

## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao longo deste trabalho, pesquisei qual o perfil de professor que traz marcas positivas às memórias das pessoas, tendo em vista, que, com base nos meus estudos e principalmente no estágio passei a possuir uma idéia acerca do assunto: Que a afetividade e o diálogo crítico e questionador sobre os assuntos abordados são fatores que promovem o conhecimento fazendo com que as pessoas lembrem de seus ex-professores, de forma positiva. A pesquisa qualitativa consistiu em averiguar se isso realmente se comprovava.

Com a pesquisa bibliográfica, investiguei sobre a metodologia dialética e sobre a influência da afetividade nas relações entre alunos e professor baseada em autores como Vasconcellos, Libâneo, Vygotsky, entre outros.

Por meio desta investigação pude compreender a importância da interação, onde uns aprendem com os outros, nos mais variados espaços ao longo de toda a nossa vida. Vygotsky (1986-1934) coloca que somos seres sociais e que estas trocas proporcionam conhecimentos.

Pude compreender, também, a relevância da metodologia dialética assim como proceder para realizar um trabalho de acordo com esta perspectiva. Primeiramente, é necessário mobilizar o aluno, despertar seu interesse para analisar o objeto de estudo. Esta mobilização tem a ver com as necessidades dos educandos, seus interesses, a afetividade e etc.. Após, é necessário promover um “confrontamento” entre aquilo que o aluno já domina com o novo saber, provocando uma necessidade de superação, de equilíbrio, onde novas aprendizagens são construídas.

O diálogo crítico deve estar presente durante todo este processo. Cabe ao professor realizar as mediações necessárias entre aluno-conhecimento e realidade. Muitas perguntas o professor não deve respondê-las sem antes devolvê-las para os alunos, é preciso com que os educandos pensem, reflitam sobre o que está sendo abordado.

Trabalhando de acordo com a metodologia dialética, o docente deve ter em mente, de forma clara quais os seus objetivos com o ato pedagógico, quais os conteúdos que devem ser trabalhados, a que classes sociais estará favorecendo, que contribuições as suas aulas trarão a vida dos alunos.

De acordo com Vasconcelos *et al.* (2005), as relações afetivas se constituem

base para todas as outras relações, no entanto, o professor deve possuir um grande cuidado com o lado afetivo, pois este tanto pode ser um fator de incentivo para a construção de novos conhecimentos como algo que provoque a inibição do crescimento intelectual do educando, caso as situações concretas de existência não sejam levadas em conta assim como cargas afetivas excessivas poderão causar distúrbios em função da alta ansiedade, como coloca Vasconcellos (2005).

Por meio da pesquisa de campo, este grupo de entrevistados relatou vários aspectos como sendo de um professor que mais lhe chamou a atenção ao longo de seus estudos. Oito pessoas lembraram, positivamente, de seus professores, um lembrou de uma forma negativa e uma não se lembrava de algum professor que lhe fosse significativo. Os oito entrevistados que lembraram, positivamente, demonstraram além de construções de conhecimentos duradouros, boas relações de afetividade. Este aluno que se lembrou de um professor, de forma negativa, relatou a ausência de laços de afeto.

Com esta pesquisa, constatei várias questões que os fizeram lembrar, positivamente, de um ou dois professores que mais lhes chamaram a atenção ao longo de seu período escolar como: A afetividade, a necessidade de boas explicações, o relacionamento do conteúdo com a vida do educando, a valorização das colocações dos alunos, o diálogo crítico, o uso de questionamentos, de reflexões, as trocas de informações/compreensões, entre outros.

A afetividade se mostrou uma característica fundamental nas relações entre professores e alunos, algo que realmente pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem assim como de dificultá-lo, como no caso do entrevistado "G". O diálogo crítico, a interação são aspectos que foram mencionados por vários integrantes deste grupo de entrevistados como algo necessário para a construção de conhecimentos significativos comprovando a minha proposição que eu tinha a respeito deste assunto.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAM, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CEGALA, **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2005.
- FERRARI, Márcio. Lev Vygotsky – O teórico do ensino como processo social. **Nova Escola: Revista Pedagógica**, Edição especial, 10/2008.  
<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml>
- FREIRE, Paulo, in Moacir Gadotti. **Uma Biobibliografia**, 1996.  
[http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/05\\_pensamento\\_dialogo%20como%20paradigma.html](http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/05_pensamento_dialogo%20como%20paradigma.html)
- KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Fundamentos Teóricos e Práticos Do Trabalho Docente – estudo introdutório sobre Pedagogia e Didática**. PUC/SP: Tese de Doutorando, 1990.
- MACHADO, Arlindo. Artigo, **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 10, junho de 1999, semestral.  
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3037/2315>
- MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações na sala de aula: Reconhecer e desvendar o mundo**. Doutorando da Pontifícia Universidade Católica –São Paulo: 1989.  
<http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/ARTIGOS%20E%20TEXTOS/vygotsky%20e%20o%20papel%20das%20interacoes%20sociais%20na%20sala%20de%20aula....pdf>
- SNYDERS, Georges. **A pedagogia em França nos séculos XVII e XVIII**. In M. DEBESSE e G. MIALARET (org.), *Tratado das Ciências Pedagógicas – História da Pedagogia*. São Paulo: Nacional, 1974.

VASCONCELOS, Alexandra Alves de *et al.* **A presença do Diálogo na Relação Professor – Aluno.** V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 de setembro – 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 2005.

ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa.** In. ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de e VILELA, Rita Amélia Teixeira. Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PERGUNTAS

- 1) Você considera importante para a tua vida pessoal, o que aprendestes ao longo de teus estudos?
- 2) Ao longo de teus estudos, há algum professor que mais lhe chamou a atenção? Por quê? Como eram as aulas deste professor?
- 3) Este professor usava do diálogo intenso em sala de aula?
- 4) Para você, como achas que devem ser as aulas de um bom professor?
- 5) Você tinha espaço para colocar suas idéias, opiniões para o professor e colegas?

**APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS**

## AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo a utilização dos dados coletados durante a entrevista oral e em outras fontes, para fins de pesquisa sobre a importância do diálogo na construção do conhecimento (trabalho realizado junto à faculdade de educação da UFRGS, como requisito para a obtenção do título de licenciatura em pedagogia). Por outro lado, a pesquisadora Márcia Borges Model, aluna da UFRGS, compromete-se a manter em sigilo os dados que possam identificar os sujeitos envolvidos, evitando, dessa forma, qualquer prejuízo que possa advir do uso dos mesmos. Porto Alegre, outubro de 2009.

Assinatura: \_\_\_\_\_